

EDUARDO SÁ



NUNCA
SE PERDE
UMA
PAIXÃO

Histórias e ensaios sobre o amor



D. QUIXOTE

Ficha Técnica

Título: Nunca Se Perde Uma Paixão

Autor: Eduardo Sá

Edição: Maria João Costa

Revisão: Maria Cruz

Revisão: Eulália Pyrrait

Capa: Maria Manuel Lacerda

ISBN: 9789722047227

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

Copyright: © Eduardo Sá e Publicações Dom Quixote, 2011

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Este livro foi escrito segundo O Novo Acordo Ortográfico de 1990

*A segunda prioridade de toda a vida é conquistar um
grande amor.
A primeira, nunca o perder.*

Janeiro, dia 2:

Todo o amor é tímido. E excêntrico, talvez. Não se previne nem se explica. Por tudo isso, não sei se deva escrever sobre o amor.

Mas, também a mim, este livro me apanhou desprevenido. E talvez só isso tenha feito, tomado por hesitações, aventurar-me nele. Porque é assim - suponho eu - que, em todos nós, se vive qualquer amor: de forma singular e com a descontração que só se tem diante dos gestos com qualquer coisa de banal. Por isso mesmo, não há como escrever sobre o amor. Será mais ele que nos escreve a nós.

UM LIVRO SOBRE OS PARA-RAIOS

(Vinha a conduzir na autoestrada que faço, há mais de vinte anos, em piloto quase automático. E estava distraído. Para a estrada e para a Raquel. Na verdade, tinha passado pela carrinha duns senhores que vendiam para-raios. Achei fascinante a palavra: para-raios! E a ideia de que eles existem. E estava, secretamente, a propor-me guardá-la para a usar num programa de rádio.)

- Um livro sobre o amor era o lugar certo para tu escreveres duma forma diferente (continuou a Raquel). Tu querias cortar com a tua outra escrita, não era?...

(Irrita-me dar-lhe razão! Que pena ter ultrapassado a carrinha dos para-raios antes de ela ter começado a falar! Quando estamos enfadonhos, havia de haver para-raios contra quem nos interpela com razão...)

Mas foi assim que, depois de quase escrito, decidi transformar este livro. Primeiro, num diário. Os meus dias têm tantos minutos que eu acho que ele será mais um... «minutário». Paciência! Contrafeito, vou cortar e cortar e cortar. E escrever outra vez. Depois, vou trazer histórias, de preferência. E apontamentos da clínica: breves, se for possível. E o meu lado de professor. Vou, também, dar-lhe uma aragem de ficção. Quem mandou a Raquel fazer de para-raios? Foi, então, que, quando dei por mim, eu, que gostava era de ser «escutador», estava tomado por um livro... falador.

Janeiro, dia 17:

Terminei a consulta com a Mariana mais descansado do que quando entrei. Admiro a determinação dela no sentido de encontrar um «homem apaixonante». E diverte-me não sossegar a sua paixão inquieta. Muitas vezes - mesmo, muitas vezes - eu acho que as pessoas confundem ânsia com angústia. Ânasia é uma espécie de «tenho pressa de viver»; angústia tem uma aragem de um qualquer «tarde de mais». Gosto das pessoas que transbordam ânasia, reconheço. Amam a vida, sobre todas as coisas. «Um homem apaixonante?», pensei para mim. («Apaixonável», quer ela dizer.) O que torna as pessoas apaixonantes: a paixão com que nos arrebatam ou a surpresa de a descobrirmos pelos olhos de alguém? Porque será que as pessoas, quando crescem, parecem deixar de ser apaixonáveis e apaixonantes? Porque é que se parecem com as crianças, quando entram na escola, que deixam logo de perguntar: «porquê?» E, perdidas nas suas trovoadas, parecem ser elas próprias para-raios?

Janeiro, dia 18:

A Manuela desafiou-me a escrever um livro que se chamasse Textos Perdidos. E pediu-me logo o primeiro:

- Gostava que me escrevesse um texto chamado «Ensaio sobre o desamparo».

- Manuela, eu sei que, às vezes, sinto que a maioria das pessoas tem o coração mais ou menos grafitado. Às vezes, sinto-as como se fossem ilhéus, sem mar à volta. Mas, se não se zangar comigo, viro o seu pedido do avesso e vou escrever um livro, unicamente, sobre os para-raios. E vou chamar-lhe: Nunca Se Perde Uma Paixão.

(Não sei se ele vai responder a todas as suas dúvidas, Mariana...

Mas acho que ainda vou a tempo, Raquel.)

Janeiro, dia 23:

Há pedidos esdrúxulos que só toleramos aos nossos amigos.

Embora os nossos amigos nunca nos façam pedidos esdrúxulos. (Até hoje. Pensei depois...)

O AMOR NÃO PASSA DE MODA

- *Preciso que atendas o telefone, com urgência, à minha irmã!...*

- *Com urgência?... Porquê, Luísa?*

- *Porque está à beira do Tejo para se matar.*

- *Estás a brincar comigo. Não... estás?...*

(Cada vez mais agitada.)

- *Não! Por favor! Ela vai-se matar!...*

- *Mas... Luísa?!...*

- *Sou eu que te peço: por favor!!! Liga-lhe!!! Ela vai-se matar! (E desligou.)*

- *Pilar?... A Luísa pediu-me para lhe ligar (balbuciei eu, sentindo-me completamente envergonhado neste meu papel de super-herói)...*

- *Ah!... Ainda bem que ligou! (Diz-me, entre soluços). Ajude-me! Eu vou-me matar!...*

(Há momentos em que só nos apetece sair dum filme. Mas, quando damos por isso, atiramo-nos para dentro dele...)

- *Pilar, eu não pretendo contestar a sua decisão, como imagina. Você vai-se matar. Já entendi isso. Mas...*

- *Entende o quê?... Você não entende nada!... (E se ela adivinhasse que é verdade?...) O Miguel decidiu separar-se de mim só porque eu passei um fim de semana com o melhor amigo dele. Tirou-me tudo: até os cartões de crédito... E agora?... (num choro convulsivo) Eu acho que a minha vida acabou... Ajude-me! Eu vou-me matar!... Ajude-me! (E já a ralhar comigo...) Eu vou-me matar!...*

- *Mas, Pilar?...*

- Vou-me matar!... Já percebeu?... (E, num tom imperativo, que lhe ficava mal, repetiu) Ajude-me, vá lá! Eu vou-me matar!

(Ela que me desculpe, mas até os super-heróis não são de ferro!)

- Pilar?!... Eu ajudo!

- Ah!... (sinto um desdém sem fim no tom da voz...)

- Eu ajudo! Mas, esclareça-me, por favor: quer que a ajude antes ou... depois de se matar?...

(Engraçado... Desligou o telefone! Entretanto, o tempo passou. Da forma mais lenta que se possa imaginar. 30 minutos depois, 30 minutos compridos demais, o meu telemóvel tocou outra vez. Era a Luísa!!! Ou a Pilar se atirou ao rio... ou se atirou a mim...)

- O que é que fizeste à minha irmã?...

(Não tive forças nem para perguntar porquê...)

- Desde que entrou em casa, não para de te insultar... (Que alívio!... A Pilar atirou-se a mim... E que estranho me sinto por me sentir agradecido pelo seu ódio!...)

(E foi assim que, sem o glamour digno dum episódio de Marés Vivas, terminou - sem brilho! - o meu estágio involuntário de nadador-salvador.)

Os desencontros amorosos foram, desde sempre, escrevendo a História. Se bem que, olhando para trás, os mal-entendidos acerca da sexualidade talvez tenham contribuído para os enviar, constantemente. Podendo não parecer, o amor (como um projeto legítimo, exequível e transversal a todas as pessoas) talvez seja uma invenção estranhamente recente da Humanidade. Amor no sentido de compatibilizar numa mesma relação - de forma madura e pensada - desejo, paixão, ternura e... amor. Se olharmos bem para o nosso lado, e nos dermos conta que muitas relações que conhecemos parecem ter sido pautadas mais pelo desejo do que pelo amor, talvez não estejamos longe

dos mesmos lugares-comuns que foram dominando a vida de todos os nossos antepassados.

Sempre houve histórias de amor, é claro. Mas o amor talvez nunca tenha sido tão democrático como os nossos antecessores terão desejado. Grande parte deles cresceram de mãos dadas com a violência: violência familiar, violência social e violência sexual. O amor pelos filhos terá sido, desde sempre, mais enfatizado que qualquer outro porque, ao longo dos séculos, foi aquele que fez com que milhões de pessoas continuassem legitimadas a falar do amor. Já o amor maduro tornou-se, em muitos momentos, uma miragem porque a sexualidade o inquinou vezes demais. Como se não bastasse o modo como inúmeras crianças foram assediadas, abusadas e violadas na família, muitas pessoas, ao longo dos séculos, foram objeto de assédio, de abuso e de violação. Antes, durante e depois do casamento (que era muito mais um contrato, vandalizado pelos interesses familiares, do que uma opção íntegra onde coubesse desejo, paixão, ternura e amor). Não sendo as experiências de amor de mãe ou de ama (que termo tão fantásticamente sugestivo, não é?) a fazerem com que se acumulassem créditos amorosos nos quais se foi ancorando a resiliência, e o destino da Humanidade teria sido, seguramente, por força dessa falta, muito mais catastrófico.

Compreende-se que num mundo sem bondade para com os costumes, metáforas como céu e inferno, vida eterna ou vida terrena, tivessem ajudado a escorar muitos dos comportamentos de violência que se banalizavam sem crítica. Foi neste cenário degradante diante do amor que o cristianismo ganhou toda a sua pujança, introduzindo regras que vieram a transformar as relações numa forma revolucionária. A sexualidade - caótica - dos romanos encontrou no cristianismo um fator de profunda transformação diante daquilo que se esperava do amor. É claro que o amor precisou de ser, naquela altura,

«desparasitado» daquele formato de sexualidade mais... amigo dos impulsos do momento. E foi por isso que, para amar (Deus) se passou a recomendar a abstinência sexual. Nesse contexto, a Igreja recomendava (muitas!) restrições à sexualidade. As interdições diante dela iam-se alargando: era interdito o coito à quinta-feira (dia em que foi preso Jesus), à sexta-feira (porque foi o dia em que morreu), ao sábado (para honrar a Virgem), ao domingo (dia de Maria) e à segunda-feira (em honra de todos os mortos). Seriam, por assim dizer, benditas as terças e as quartas-feiras... Para além disso, também essas interdições eram extensas à Quaresma, à Páscoa, ao Pentecostes e ao Natal. Imagino que - num universo tão espartano de interdições - quando, finalmente, a sexualidade era tolerada os primeiros cristãos só pudessem dizer: «É hoje, É hoje! É hoje!...» Mas, no limite, S. Paulo passou a defender o celibato e S. Francisco de Assis deu, como exemplo, o elefante, que só acasala uma vez por ano. (Pela natureza do discurso, a sexualidade continuava a poder mais que o amor.)

Mas, de certa forma, compreende-se porquê. A poligamia pré-histórica e de toda a Antiguidade (que tinha no imperador Udayama, da Índia - com mais de dezasseis mil esposas, colocadas em aposentos cercados por um anel de fogo e guardadas por eunucos - um vertiginoso marido) ia dando lugar a visões monogâmicas e à consciência dum outro papel, mais organizador, para a família. No entanto, os costumes nunca coincidiram, de forma inequívoca, com os preceitos sociais daqueles que os pretendiam configurar. A rigidez dos costumes cristãos dá lugar, Idade Média dentro, a uma enorme condescendência para com a liberdade sexual, como reação à grande quebra demográfica em consequência da Peste Negra, que reduziu a população europeia para metade. O mesmo vindo a suceder, mais tarde, em reação às primeira e segunda grandes guerras (com «os loucos anos 20» e a máxima «faça amor não faça guerra», tão querida dos anos 60).

Sexualidade e amor confundiam-se, nem sempre das formas mais esclarecidas.

Neste cenário um pouco paradoxal diante dos costumes, o amor, na Idade Média, era (sobretudo) sinónimo de atração carnal. A linguagem recheou-se de termos sexuais e as anedotas e os provérbios sobre sexo eram frequentes. A violação era, ainda, uma prática banal que vitimizava muitas mulheres e, como estratégia de prevenção, deu-se a invenção do cinto de castidade. A Igreja ia condenando qualquer relação sexual que não se desse à noite mas esse fator presumível de dissuasão não impedia o adultério de ser muito frequente nos homens e nas mulheres (o que fez com que o século xv ficasse conhecido como o século dos bastardos). Se os costumes pretendiam ser musculados, a prática social não os acompanhava: renasceram, nessa altura, os banhos, copiados dos romanos, e a prostituição teve um grande incremento («suprimam do mundo a prostituição e, por toda a parte, surgirá a sodomia», dizia-se). O que levou, mesmo, Lutero a afirmar: «A virgindade não é apenas indesejável, é perniciososa; e a continência anormal.»

Esta tão grande tolerância diante dos (maus) costumes – que se prolongou desde a Idade Média – tem, no final do século XIX, um furor puritano fora do vulgar. Contra a masturbação. Nele se destacaram os trabalhos do Dr. Kellog, que afirmava que uma dieta equilibrada constituía a melhor prevenção contra a masturbação. É sua, também, a iniciativa de indicar 39 sinais para que os pais descobrissem se os filhos se masturbavam. Veja, somente, alguns: debilidade geral, mudanças súbitas de humor, insónia, falta de capacidade intelectual, timidez, ideias confusas, costas fracas e falta de flexibilidade das articulações, apetite caprichoso, consumo de tabaco, mãos frias e húmidas, palpitações do coração e sonolência... (Como vê, ninguém escaparia diante dum diagnóstico tão exaustivo... Imagine, agora, o que não seria se, por

exemplo, o Dr. Kellog passasse por um parlamento, pouco depois do almoço, e se confrontasse com a sonolência generalizada dos deputados... Nada que a masturbação não o ajudasse a explicar...) Mas (ainda bem que há mentes previdentes...) contra tudo isso o Dr. Kellog recomendava o consumo parcimonioso de cereais. De preferência, duma marca que ele lançou com o seu nome. (Passados tantos anos, quem, todas as manhãs, começa o dia com um prato de cereais da Kellog, talvez não o faça com a finalidade para a qual eles foram criados...) Mas, se ainda assim, esse tratamento não resultasse, recomendava-se, nos rapazes: circuncisão imediata, sem anestesia; e, nas raparigas, aplicação de ácido carbónico puro no clítoris.

A Humanidade ia, portanto, reclamando amor, ia deliberando sobre os costumes, e as práticas diante da sexualidade e do amor pareciam ter uma vida própria. Uma vez mais, os princípios e os costumes não coincidiam. Em 1865, por exemplo, e como consequência dessa atitude liberal diante da sexualidade, calculava-se que 85% das mulheres sofriam de leucorreia, havendo um número semelhante de sífilíticos (Schubert e Nietzsche morreram de sífilis, por exemplo), epidemia dominada, mais tarde, com o auxílio da penicilina. Apesar disso, entre as duas guerras, a sífilis (trazida da América pelos marinheiros de Cristovão Colombo) terá causado 140 000 mortes (sendo, posteriormente, esses números destronados pelos da SIDA).

Num mundo, desde sempre, dominado por uma ideia de sexualidade espartilhando o impulso e dominada por interditos, e onde as afirmações públicas eram, raramente, acompanhadas pela integridade privada, o amor (intimista e, tendencialmente, eterno) não seria, propriamente, uma moda. Falar-se dele, procurá-lo e cuidá-lo seriam realidades muito divorciadas umas das outras e, seguramente, muito inconciliáveis.

Se o amor não foi deixando de ser preponderante, ao longo dos séculos, a sua conquista acabou por ser enviesada por muitos lugares-comuns que o foram inquinando. A isso não é, sobretudo, estranha a imagem e a função da mulher. Desde sempre, a imagem da mulher foi associada à fertilidade. E isso seria bom se, ao mesmo tempo, a fertilidade parecesse não chocar com a deserotização que ela parecia exigir. Tão depressa a mulher era representada dum forma naturalista, de seios grandes, como surgia acompanhada por serpentes, deixando entender o seu poder demoníaco. Tanto cobria o seu corpo da cabeça aos pés (como o faziam em Atenas), como (as cortesãs) forneciam serviços sexuais aos homens gregos. Tanto era descrita como procriadora (na Bíblia hebraica, por exemplo) como, desde o Renascimento, era o seu erotismo um símbolo bem acolhido: os seios a descoberto eram banais nas margens do Sena ou como símbolo da República (embora, na Holanda do século XVII, fosse motivo de espanto, para franceses e ingleses, que as mulheres holandesas dessem beijos em público, tivessem conversas francas e passeassem sem companhia).

Ao longo dos séculos, os comportamentos diante do que seria socialmente aceite foram sendo alterados, consoante os mais diversos acontecimentos (e nunca em nome da salvaguarda do amor). Por exemplo, no século XVI, a epidemia de sífilis, fez com que fechassem os banhos públicos. Mas os banhos privados foram conservando, por muito tempo - século XIX incluído - um aspeto convivial. Nas curas termiais, nas fontes de água doce ou no mar, a nudez foi permanecendo em voga. Mostrar-se na banheira ou «no meio do banho» não era, nessa altura, considerado indecente. (Aliás, até ao século XVIII as damas vão poder, sem os ofender, receber os seus convidados durante o banho, apesar de se deitar na banheira um pouco de leite para salvaguardar a decência, mesmo que existissem, junto

dos aristocratas, banheiras de quatro lugares. Para acolher os amigos mais íntimos...)

A Humanidade regulou, sobretudo, a sexualidade, porque talvez desconhecesse o modo de casar com o amor. E embora a fantástica revolução escolar, que se tem assistido desde há duzentos anos - e a enorme revolução familiar do último século (com prevalência nos últimos quarenta anos do século xx) - fossem responsáveis pelas pessoas mais educadas da História, a Igreja parece não ter conseguido acompanhar, com abertura, todas essas mudanças, por mais que seja uma inequívoca resistente em nome do amor, quando apela ao afeto como poucos mais. A Igreja foi, no entanto, em muitos momentos, continuando a sexualizar os comportamentos para além da sensatez. Se bem que se entenda o conservadorismo da Igreja de há séculos atrás (quando, por exemplo em 585, o Concílio de Mácon, decidiu que nenhum cadáver masculino devia ser sepultado ao lado de um cadáver feminino, antes da decomposição, ou no Concílio de Trento, em 1550, foram proibidas todas as práticas pré-nupciais) já não se compreende que ela própria fosse tão pouco coerente nalguns dos momentos da sua história. S.to Agostinho (que tinha tido uma amante durante 15 anos) afirmava: «dai-me a castidade, mas não ainda»; Pedro XXIII era acusado de ter contratado trezentas freiras com quem manteve relações sacrílegas; e Alexandre VI nunca viajava sem um grupo de dançarinas, levando vinte e cinco prostitutas para os seus aposentos, quase todas as noites. Já para não falar das práticas (diante das quais foi ativamente complacente) em torno da bruxaria que fez com que, em pleno Renascimento, tivessem sido condenadas à morte entre 60 000 e 150 000 pessoas (80% delas eram mulheres, sobretudo pobres, incultas e velhas, que seriam, supostamente, capazes de lançar feitiços sobre a fertilidade e sobre a potência sexual).

É nesta sucessão infindável de práticas dum fundamentalismo absurdo e de confusões em cascata, que surge o século XVIII - século da biologia - com a verdadeira emancipação do papel da mulher na fecundação e *A Origem das Espécies*, de Darwin. Os Descobrimentos portugueses e o terramoto de Lisboa fraturam a Lei de Deus, em muitos dos seus aspetos restritivos, e trouxeram à Humanidade uma tão grande aragem reformista que o conhecimento e fé terão entrado em colisão. A justiça divina fragilizou-se e a justiça dos homens ganhou espaço e pujança, abrindo espaço para a noção laica de Estado. (Na verdade, religião e ciência não têm tido, desde há duzentos anos, uma convivência fácil, sobretudo porque muitas interpretações do método científico - nomeadamente, aquelas que transbordaram para a biologia, para as ciências humanas e para a política - foram inquinadas com o mesmo deslumbramento e o mesmo fundamentalismo que o cristianismo, por exemplo, viveu há séculos atrás. Por momentos, houve quem imaginasse que a ciência iria ocupar todo o lugar que a religião foi tendo na Humanidade. Isto é: houve quem visse na ciência o fim da religião. Foi assim entre os agentes religiosos, entre os cientistas e com aqueles que encontraram na ciência uma forma de a confundir, por má-fé, com a ideologia.)

Mas, apesar de tão formidáveis transformações, a Humanidade foi continuando a confundir sexualidade e amor. Os romances dessa altura são laxivos e luxuriantes. Casanova tira outro partido do preservativo (concebido, de início, como proteção contra a sífilis) e Sade publica *Justine*. É, pois, nesta atmosfera, com séculos de mal-entendidos, que nasce a psicanálise, privilegiando a sua atenção para os traumatismos sexuais que foram comprometendo, sobretudo, a vida de inúmeras mulheres, ao longo dos séculos. Não tanto no sentido de dar à sexualidade um protagonismo exagerado ou insensato. Mas reconhecendo que a sexualidade e o amor andam, vezes

demais, desencontrados: enquanto o amor é, demasiadamente, idealizado e a sexualidade é, quase sempre, isolada de afeto.

Estamos, ainda, longe (acho eu) duma história do amor. Não que não tivesse havido, desde sempre, histórias de amor. Talvez as mais relevantes tenham sido aquelas que fomos guardando a propósito do amor romântico. Trágicas, na sua essência. Como Romeu e Julieta (ou, no imaginário nostálgico português, a de Pedro e Inês). Com todas elas se foi escrevendo uma história do amor. Na verdade, o amor não passa de moda. Não tanto no sentido duma banalidade circunstancial ou uma tendência passageira mas como procura intemporal da natureza humana que parece ter tido na sexualidade - vezes de mais, ao longo dos séculos - um dos seus principais obstáculos.

Janeiro, dia 24:

Tenho vindo a descobrir muitas coisas sobre mim que eu desconhecia. Nem todas suculentas e gostosas, reconheço. Olhando para trás, talvez me tenha esmerado por ser colecionador de nuvens. Pode crer.

(Miguel)